

# RELIGIÃO ASTRAL E CRENÇA VULGAR: O QUE PENSOU EPICURO SOBRE OS DEUSES?

Renato dos Santos Barbosa<sup>1</sup>

## RESUMO

Os deuses existem, mas não se importam com os mortais. Essa é a tese que norteia o pensamento teológico de Epicuro. Frente aos caprichos dos deuses da crença vulgar e do destino inflexível da religião dos doutores, Epicuro sugere que a autarcia do homem é a pedra basilar para compreensão dos deuses. O homem também é divino, assim como toda a natureza, e os deuses incorruptíveis nos servem como modelo de vida boa e bela.

**Palavras-chave:** Deuses. Destino. Epicuro. Autarcia.

## RÉSUMÉ

Les dieux existent, mais ils ne font pas attention avec le mortels. Cette thèse est la base de la pensée théologique d'Épicure. Le philosophe du jardin suggère que l'autarcie de l'homme est le critère d'entendement des dieux. Ainsi, il rejete, à la fois, la croyance populaire dans la volonté des dieux et le destin inflexible de la religion astral. L'homme est aussi divine, bien comme tout la nature, et les dieux incorruptibles nous sont modèle du bien vivre.

**Mots-clés:** Dieux, Destin, Épicure, L'autarcie.

## 1 INTRODUÇÃO

Seria melhor, realmente, aceitar os mitos sobre os deuses do que aceitar ser o escravo do destino adotado pelos filósofos naturalistas, pois os mitos têm como se fosse impressa em si mesmos a esperança de que os deuses podem ceder às preces e homenagens que lhes são prestadas, enquanto o destino dos filósofos naturalistas é uma necessidade inflexível. (DL,X, 134)

Epicuro critica a crença nos deuses segundo o modo como ela comumente se apresenta em seu tempo. Embora na *Carta a Meneceu* afirme que os deuses existem, logo em seguida ressalva: “mas eles não existem como a maioria crê” (DL, X, 123). Por outro lado, Epicuro quer deixar claro que não compartilha da religião dos doutores (*tón physikón*) de sua época, a chamada religião astral. Assim, a crítica de Epicuro a respeito das divindades tem dois alvos: a crença vulgar e a crença douta. Esta última é rejeitada com mais ímpeto que a primeira por desconsiderar a liberdade humana. Como ressalta

---

<sup>1</sup>Graduado em Filosofia pela UFRN e mestrando em filosofia pela mesma instituição. E-mail: renatophronesis@gmail.com.

Festugiére, “Epicuro toma a religião astral por ainda mais perigosa que as crenças do povo” (1946, p. 106-107)

A posição de Epicuro a respeito dos deuses é condicionada pela compreensão do espaço natural de ação do homem, de modo que tudo o que fira o princípio da liberdade e da autarcia é rejeitado como suposições falsas e infundadas. Passando pelas exposições das crenças vulgar e douta sobre os deuses, apresentaremos as concessões e restrições que Epicuro faz ao culto religioso de seu tempo, propondo em seu lugar a noção da divindade enquanto paradigma do modo de ser do homem no mundo.

## 2 CRENÇA VULGAR

De fato, as afirmações da maioria sobre os deuses não são concepções verdadeiras e sim suposições falsas. Por causa de tais suposições falsas imagina-se que derivam dos deuses os maiores males e bens. Mas, aqueles que têm uma familiaridade constante com as próprias formas de excelência fazem uma imagem coerente dos deuses e repelem com alheio a estes tudo o que não se coaduna com a sua natureza. (DL, X, 124)

A crença vulgar nos deuses contém “suposições falsas” (*hipolépseis pseudéis*), acusa Epicuro. Afirma que essas crenças não são baseadas em *prolépseis* (impressões) mas em *hipolépseis* (suposições). As *prolépseis* são as impressões resultantes do contato sensorio entre o percebedor e a coisa percebida, ou, como explica Diógenes Laércio, “uma apreensão imediata do real” (X, 33), sendo, portanto, correspondentes ao real e verdadeiro. Por outro lado, as *hipolépseis* são suposições que não necessariamente correspondem à realidade. O termo *hipolépseis* é equivalente ao termo *dóxa* (opinião) nos escritos de Epicuro<sup>ii</sup>, e uma suposição falsa não passa de uma opinião falsa ou, como costuma escrever Epicuro, uma opinião vazia (*kenón dóxa*). A diferença acentuada entre *prolépseis* e *hipolépseis* nesse contexto, demarca que, embora Epicuro admita a existência dos deuses, a crença vulgar não condiz com a existência deles. As suposições (*hipolépseis*) sobre os deuses são falsas por serem desprovidas de um referencial corpóreo.

As *hipolépseis* da religião grega trazem, como consequência de sua opinião vazia, a saber, que o divino é capaz de interagir com os mortais, a ideia de que “derivam dos deuses os maiores males e bens” (DL, X, 124). O culto dos tempos de Epicuro se expressava de uma maneira quase mercantil<sup>iii</sup>. Acreditava-se que oferendas e sacrifícios podiam aplacar a ira e alcançar o favor dos deuses, bem como, más oferendas ou a negligência delas podiam

suscitar penas e castigos<sup>iv</sup>. Epicuro não pretende persuadir as pessoas que os deuses não existem, antes quer demonstrar que suas crenças são contraditórias com a noção de divindade que expressam: “Se um deus obedece às preces dos homens, muito rapidamente todos os homens teriam perecido: continuamente eles pedem muitas coisas prejudiciais uns aos outros” (Us, 388). Deuses são seres imortais e sumamente felizes e, enquanto tais, não se envolvem com a vida humana. Epicuro evidencia a contradição entre a noção de divindade e a expectativa de ser beneficiado ou castigado por um deus.<sup>v</sup>

Esperar por favores divinos torna o homem indolente, esperar por castigos o torna temeroso. O temor dos deuses perturba os homens e impede sua felicidade. A imagem de deuses castigadores introduzem nos espíritos o medo do futuro e da morte. O homem cultua em sacrifícios e oferendas esperando que deuses guiem sua vida, mas esses seres, de fato, são indiferentes. “É estúpido pedir aos deuses o que se pode procurar por si mesmo” (SV, 65), diz Epicuro. Supor que seres indiferentes governam e guiam a vida humana, nada mais é que se deixar ao acaso, resignando-se aos “desígnios” de pretensas divindades. Pior que ser escravo de senhores reais é ser escravo de senhores inexistentes. Esses homens vivem ao sabor da sorte, levados pela inconstância do acaso, negligenciando seu poder de escolha e decisão. A estes Epicuro convoca a tomar as rédeas da vida nas mãos, incitando-lhes à autarcia e a exercer ativamente sua liberdade: “o infortúnio do sábio é melhor que a prosperidade do insensato, pois acha melhor numa ação humana o fracasso daquilo que é bem escolhido que o sucesso por obra do acaso daquilo que é mal escolhido”. (DL, X, 135)

No entanto, é justamente essas recomendações ao exercício da autarcia e liberdade que são vetadas quando se trata da religião astral.

### **3 CRENÇA DOUTA OU RELIGIÃO ASTRAL**

No que diz respeito a todos os astros e a lua (...) já que ficou demonstrado que são todos movidos por uma ou mais almas, que são dotadas de todas as virtudes, declaramos que essas almas são deuses, seja porque alojados nos corpos, como seres vivos que são, organizam todo o céu, seja porque atuam de qualquer outra forma que se queira. (Platão, As leis, 899b)<sup>vi</sup>

No passo 894c das *Leis* de Platão, é estabelecido que a alma move, mas jamais é movida e, portanto, está na origem de qualquer movimento físico<sup>vii</sup>. Assim, o movimento dos astros celestes também se originam em almas, almas divinas, “dotadas de todas as virtudes”. As almas são deuses que habitam os perfeitos corpos celestes e que “zelam, com

toda propriedade, pelo universo” (900d). Os astros, portanto, “são seres animados, dotados de sentido e de razão” (FESTUGIÈRE, 1946, p. 107).

Segundo Ullmann, “Os precursores da religião astral haviam ensinado que a ordem instituída pelos astros é de todo imutável” (1996, p. 91). A imutabilidade da ordem celeste é transposta para a vida humana sob a forma do destino, necessidade inflexível. Se as crenças populares ainda podem esperar que os deuses voltem atrás em suas decisões, a crença doutra não pode alimentar essa esperança, pois o movimento ordenado dos céus expressa uma vontade firme, em perfeita deliberação que, portanto, jamais erra ou se equivoca.

Epicuro rejeita a religião astral na medida em que sua aceitação implica a negação da liberdade do homem. Até mesmo Ptolomeu, reconhecendo que a religião astral prende o homem à teia do destino, procura reformular suas teses. Diferencia o *heimarméne théia* (destino divino) do *heimarméne physiché* (destino físico). O primeiro rege o movimento dos astros, enquanto que o segundo domina o mundo dos fenômenos ou o mundo sublunar. Ptolomeu se serve da nomenclatura aristotélica que distingue entre mundo supra e sublunar para inserir uma distinção na noção de destino (*heimarméne*): no mundo sublunar, o destino é *physiché* (físico) e não se estende até as ações humanas; no mundo supralunar, o destino é *théia* (divino), perfeito e imutável. Deste modo a imutabilidade das vontades divinas não subjugaria os homens à força inflexível da necessidade<sup>viii</sup>. Em todo caso, Ptolomeu reconhece, assim como Epicuro, que há um espaço para ações livres no interior da necessidade. A diferença entre eles é que Epicuro diz que os astros “não são mais que esferas de fogo aglomeradas” (DL, X, 90). Os deuses existem, mas os astros não são seus corpos, nem eles são causa de favores ou penas.

A principal perturbação das almas humanas tem sua origem na crença de que estes corpos celestes são bem-aventurados e indestrutíveis, e que ao mesmo tempo têm vontades e praticam ações e são causas incompatíveis com este seu estado; na expectativa e na apreensão constante de algum castigo eterno sob a influência dos mitos, ou por temor da insensibilidade que há na morte (...) (DL, X, 81)

A questão que fica é: como Epicuro compreende seus deuses, de modo que estejam resguardadas a liberdade e a autarcia dos homens?

#### **4 DEUSES PARADIGMAS**

O primeiro componente do “quádruplo remédio” (*tetraphármakos*) diz respeito aos deuses: “sua opinião em relação aos deuses é piedosa” (DL, X, 133). Uma opinião piedosa, segundo Epicuro, é a de quem rejeita os deuses aceitos pela maioria<sup>ix</sup>. Esta opinião, segundo a noção impressa (*noésis hypegráfe*) em nós [pela natureza]<sup>x</sup>, considera a divindade “um ser vivo e feliz” (DL, X, 123). Sobretudo, não se deve atribuir à divindade qualquer qualidade que contradiga sua imortalidade e felicidade.

“Os deuses realmente existem, e o conhecimento de sua existência é manifesto” (idem). Essa afirmação inviabiliza a caracterização de Epicuro como ateu. Lactânncio<sup>xi</sup> em seu *De Ira Dei* (A Ira de Deus) certamente, desejava acentuar ainda mais as diferenças entre o epicurismo e o cristianismo quando atribuiu a Epicuro o famoso argumento:

Ou bem, diz Epicuro, Deus quer suprimir o mal e não pode; ou ele pode e não quer; ou ele nem quer e nem pode; ou ele quer e pode. Se ele quer e não pode, então é impotente e isso não convêm à Deus; se ele pode e não quer, ele é invejoso, mas isso não pode conferir vantagem a Deus; se ele nem quer nem pode, ele é de uma só vez invejoso e impotente, sendo assim, ele não pode ser Deus; se ele quer e pode, somente o que convêm à Deus, então de onde vem o mal? Ou porque Deus não o suprime? (Us, 374).

No entanto, o texto da *Carta a Meneceu* não sugere que Epicuro se referisse a um deus singular, nem tampouco a um deus de que se esperasse a expurgação do mal do mundo. Pelo contrário, Epicuro se refere a múltiplas divindades que, a despeito dos problemas humanos, sossegadamente habitam os intermúndios (*metakósmion*)<sup>xii</sup>. De modo que, esperar que a prova da existência de Deus seja derivada da intervenção do mesmo no mundo vai totalmente de encontro com os textos de Epicuro que nos restaram.

Os deuses de Epicuro não se preocupam com bens ou males. A perfeita felicidade desses seres se compreende exatamente na medida em que não se preocupam com os afazeres dos homens. São livres, autossuficientes, felizes, imortais e, por isso, são modelo para o sábio epicurista. “Serás como um deus entre os homens” (DL, X, 135), diz Epicuro a seu discípulo Meneceu.

O epicurista não espera dos deuses nada além de um exemplo perfeito pelo qual moldar sua vida. Os deuses expressam ideais de liberdade e autarcia: têm tudo o que desejam e realizam sua vontade como querem. Se aos homens não cabe ter tudo que desejam, podem, no entanto, administrá-los com vistas a desejar somente o que podem realizar independentemente das circunstâncias. É com este fim que Epicuro adverte: “A

pobreza medida segundo o fim da natureza é uma grande riqueza; a riqueza sem limite é grande pobreza” (SV, 25). É este, também, o grande bem da *autárkeia* (autarcia), pois o sábio autárquico não depende de banquetes sofisticados, nem precisa variar seus prazeres constantemente, tampouco considera que o fim da vida é a soma irrestrita de prazeres, nem cultiva riquezas, pois encontrou na *autárkeia* um grande tesouro<sup>xiii</sup>.

Ter deuses como modelo de autossuficiência não significa desejar espraizar nosso domínio para além das fronteiras de nosso ser, antes é ter o domínio irrestrito daquilo que nos compete. Não é desejar ardentemente a lua<sup>xiv</sup> e os astros inalcançáveis, mas é querer apenas o limite da satisfação da carne. Os homens não podem, portanto, responsabilizar deuses ou o destino pelo que acontece em suas vidas, antes devem assumir bens e males, assumindo também a postura de quem tem o controle e a responsabilidade pelos acontecimentos que lhe cabem.

## 5 OS DEUSES SEM NOME

Ao contrário dos deuses da mitologia grega, invocados pelos seus nomes ou alcunhas, os deuses dos epicuristas não necessitam de nomes, pois jamais recebem súplicas humanas. Esses deuses vivem distantes, escondidos dos mortais. São corpos compostos (*athroísma*), mas que, diferente dos outros compostos da *phýsis*, não se corrompem (*aphthartós*)<sup>xv</sup>. É preciso enfatizar que não são eternos, mas, sim, incorruptíveis, ou seja, surgiram no tempo por composição, mas jamais se decompõem ou morrem.

Todas as características dessas divindades decorrem do princípio que afirma a felicidade dos deuses. Essa é a crença básica, comum (*koiné*), grafada em nós (*hipegráphe*)<sup>xvi</sup>, a qual nem mesmo a mitologia ignora:

(...) Atena subiu ao Olimpo, onde, como é sabido, reinam imperiosos os deuses, não molestados por ventos, nem por tempestades, nem pelo frio do inverno. O Olimpo penetra no Éter acima das nuvens. Lá a luz se difunde clara. Lá os bem-aventurados folgam o dia todo. (HOMERO, *Odisséia*, canto VI, 40-45)

No entanto, os mitos acabam por contradizer este estado de bem-aventurança dos deuses ao narrar atos de perturbação protagonizados pelos mesmos. A fala da psique de Tirésias a Odisseu, dentre muitas outras passagens, pode representar bem esta contradição quando comparada à citação anterior: “Buscas o mel do regresso? Te custará caro. Um dos celestes não te deixará escapar. Refiro-me ao Abala-Terra. A cólera enegrece-lhe o coração.

Cegaste o filho dele. Ele o amava” (ibid., canto XI, 100-105). Esta é a razão pela qual Epicuro instrui a seu discípulo Meneceu:

Em primeiro lugar considera a divindade um ser vivo e feliz de acordo com a noção impressa em nós pela natureza e não lhe atribuas coisa alguma estranha a imortalidade ou incompatível com a felicidade. Crê firmemente que a ela convêm tudo que pode confirmar e não eliminar a sua bem aventurança e imortalidade. Os deuses realmente existem, e o conhecimento de sua existência é manifesto. Mas eles não existem como a maioria crê, pois na verdade ela não os representa coerentemente com o que crê que eles sejam. (DL, X, 123)

Epicuro denuncia a contradição inerente à opinião dos muitos (*hói pollói*): enquanto creem na felicidade contínua dos deuses, pintam-nos com apetites e fraquezas humanas. Por isso também acreditam que dos deuses podem sobrevir “os maiores males e bens” (DL, X, 124).

Não podemos inferir destas características a forma desses corpos incorruptíveis. A especulação epicurista cessa quando o temor dos deuses se vai. Assim, pouco importa a figura que tenham estes seres vivos, mesmo sabendo que, por serem corpos, possuem formas delimitadas.

Estes deuses estão afastados dos homens e não há nenhuma intenção de aproximação por parte destes, nem deve haver por parte dos homens, portanto não há religião, na medida em que não há nada para reaproximar. Se o epicurismo era como “uma comunidade religiosa” como queria Ulmann (1996, p. 18), sua religião era sem deus. Os deuses existem, mas não interagem conosco. Não nos ajudam, nem nos atrapalham. Não ouvem súplicas, tampouco as atendem. Não têm nome, por isso não podemos chamá-los.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender os deuses ao modo epicurista, livra o homem de dois males de uma só vez: o temor dos deuses e da ideia de fatalidade. Na medida em que se passa a crer que os deuses nada se preocupam com o agir humano, o temor de castigo se esvai e não se coloca mais em questão a vontade dos deuses.

Quanto à crença no destino, fica claro que, a indiferença dos deuses veta qualquer ação divina que tencione penetrar o espaço deixado vago pela natureza para a liberdade humana. Portanto, a única afirmação teológica que é compatível com o homem, sua liberdade, autarcia, responsabilidade, poder de escolha e felicidade é: os deuses existem, mas não se importam.

Prevenido por uma leitura ou ciência de quem sabe um dos dizeres de Xenófanes contra a opinião da multidão sobre os deuses, Epicuro concordaria de bom grado que se os homens fossem quadrúpedes, desenhariam seus deuses em forma de quadrúpedes. Para Epicuro o que importa é fundamentar a nossa opinião sobre os deuses naquilo que há de mais divino, a saber, na *phýsis* eterna. Divina é a natureza e como um deus é o homem que a lê, pois enquanto mortal pode se livrar de tudo o que nos apequena: temores, vacilações, desejos vazios. Assim sendo, seríamos divinos, não por sermos incorruptíveis como os deuses de Epicuro, mas por sermos inteiramente dependentes apenas do controle que exercemos sobre nós mesmos.

Concluimos este trabalho com o fim da *Carta a Meneceu*, na qual o filósofo do Jardim aconselha ao discípulo a constante observação de seus preceitos:

Medita, portanto, sobre as coisas e outras afins dia e noite, por ti mesmo e com companheiros semelhantes a ti, e nunca serás perturbado, desperto ou adormecido, mas viverás como um deus entre os homens, pois em nada se assemelha a uma criatura mortal o homem que vive entre bens imortais.

Esperamos que este artigo sirva de introdução a uma pesquisa mais aprofundada. Tocamos em diversos pontos que integram o pensamento de Epicuro em torno dos deuses, mas sugerimos o aprofundamento destes na abordagem dos escritos de seus discípulos, tais quais Filodemo de Gadara e Tito Lucrecio Caro. Sugerimos o livro de Festugière (1946), cujo objeto é exatamente os deuses de Epicuro, para uma visão mais detalhada sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

AMAND, D. *Fatalisme et liberté dans l'antiquité grecque*. Louvain: Bibliothèque de l'université, 1945.

DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 2008.

DIOGENES LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*. Vol 2. Trad. R. Hicks. Cambridge: Harvard University Press, 1958.

CAMUS, *Calígula*. Lisboa, Edições Lisboa, 1966.

EPICURO. *Antologia de textos*. In Epicuro, Lucrecio, Sêneca e Marco Aurélio. Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

- FESTUGIÈRE, A.-J. *Épicure et ses dieux* Paris: Presses Universitaires de France, 1946.
- FINLEY, M. I. *Os Gregos antigos*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2002.
- HOMERO. *Odisséia*. trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre - RS: L&PM, 2008.
- MENARD, René. *Mitologia Greco-romana*. v. 1. Trad. Aldo della Nina. São Paulo: Opus, 1991.
- PLATÃO. *As leis, ou da legislação e Epinomis*. Trad. de Edson Bini. 2ª edição. Bauru, SP: Edipro, 2010.
- ULLMANN, R. A. *Epicuro: o filósofo da alegria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- SALEM, J. *Lucrece et l'éthique: la mort n'est rien pour nous*. Paris : Vrin, 1997

---

i Graduado e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [renatophronesis@gmail.com](mailto:renatophronesis@gmail.com).

ii Cf. DL, X, 34

iii "O culto é, a esse respeito, um negócio quase mercantil, nos quais os deuses, por força de oferendas e indulgências diversas, são supostamente gratos a nós" (SALEM, 1997, p. 181).

iv "A situação agravou-se ainda mais pelo fato de Licurgo (390 – 324 a.C) eleito em 338 pelos atenienses, para cuidar das finanças, ter administrado tudo tão bem que, ao lado de outras obras, restaurou, em toda Atenas e na Ática em geral, os templos e reintroduziu o brilhantismo das festas religiosas. Com isso, floresceu grandemente o zelo pela adoração das divindades e recrudescceu a *deisidaimonía* (superstição)" (ULLMANN, 1996, p. 39).

v "Eram raros os gregos, filósofos ou iletrados, que abandonavam a crença de que os deuses e os espíritos intervinham na vida dos homens, para bem ou para mal, que puniam quando ofendidos e que faziam intimidações – por meio de oráculos e vários outros mecanismos – anunciando seus desejos ou intenções. Xenófanes e o atomista Demócrito talvez fossem exceções, provavelmente Tucídides e Crítias, Epicuro por certo (cujo nome se tornou o termo hebreu para "ateu"); mas, neste aspecto, estavam completamente fora da corrente principal do pensamento grego, sem influência constante até mesmo nos círculos intelectuais mais avançados" (FINLEY, 2002, p.121).

vi Para esta obra utilizamos a edição: PLATÃO. *As leis, ou da legislação e Epinomis*. Trad. de Edson Bini. 2ª edição. Bauru, SP: Edipro, 2010.

vii Desde que as coisas que se relacionam ao pensamento antecedem "as coisas moles e duras" (892b)

viii Cf. AMAND, 1945, p. 17

ix "Ímpio não é aquele que elimina os deuses aceitos pela maioria, e sim quem aplica aos deuses as opiniões da maioria" (DL, X, 123).

x Gama Kury (2008) introduz a expressão "pela natureza", não encontramos nenhuma edição do texto original que justificasse essa tradução.

- 
- xi Lactânio viveu entre 240-320 d.C. e seu comentário sobre Epicuro foi catalogado por H. Usener em *Epicurea* (1887).
- xii Espaços entre mundos
- xiii “O sábio, confrontado às necessidades da vida, sabe, na partilha, antes dar do que tomar para si: tão grande é o tesouro de sua própria autossuficiência” (SV,44)
- xiv Tenho, portanto, necessidade da Lua, ou da felicidade, ou da imortalidade, de qualquer coisa de demente, talvez, mas que não seja deste mundo.”(Calígula, Camus, 1966, pag.19).
- xv Epicuro faz uso de uma linguagem física para falar dos deuses, indicando-os como *aphthartós* (incorrutíveis), porque possuem corpos que são constantemente renovados.
- xvi Há quem diga, como o Gama Kury (2008), que esta crença comum foi “impressa em nós pela natureza” (Cf. DL, X, 123)